

3

A vida de Camões

Alguns traços da biografia de Luís Vaz de Camões ainda não foram totalmente esclarecidos. Teria nascido em 1524 ou 1525, não se sabe se em Coimbra, Santarém Alenquer ou Lisboa. Pobre, embora de origem fidalga, teria tido acesso à vida palaciana na juventude, onde conviveu com personalidades importantes como testemunha sua obra poética; deve ter tido certo convívio também na corte, até mesmo com D. Francisca de Aragão. Não se sabe bem em que e nem onde se formou, mas, acredita-se ter tido também alguma formação intelectual.

Co'um saber só de experiências feito.

Canto IV – 94

É de crer, porém, que se beneficiasse do convívio social e intelectual do Paço, um dos argumentos plausíveis para explicar a opulenta erudição que assimilou e vazou em Poesia. Graças, ainda, ao Pe. D. Bento de Camões, Prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, suposto irmão de Simão Vaz de Camões, e, portanto, seu tio, a frequência a algum curso, por irregular que fosse, teria sido possível. Ao mesmo tempo, Camões entrega-se à boêmia estudantil, a arruaças que terminariam nas casas de “damas de aluguel”, ou aos mexericos na Corte, a cujo ambiente não deveria ser de todo alheio. Nas horas de “honesto estudo” e, por certo, nos saraus literários dos paços reais de D. João III, seu presuntivo protetor, trava conhecimento com a cultura greco-latina e a contemporânea, especialmente a importada da Itália e Espanha. Convive com Homero, Horácio, Virgílio, Ovídio, Petrarca, Sannazzaro, Boscán, Garcilaso, entre outros, e mergulha na leitura dos cronistas e poetas portugueses medievais. Toda essa massa heterogênea de informação convergirá para suas obras, de modo que espantam a quantos delas se aproximam. Camões forma o seu espírito no quadro do Renascimento, acabando por ser o protótipo acabado dessa mutação histórica operada na Europa dos séculos XV e XVI.¹

NOs Lusíadas revela um conhecimento impressionante das ciências humanas, náutica, astronomia, geografia, religião, etc.

Mas eu que falo, humilde, baxo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.

¹ CAMÕES, 1996. p. 12.

Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

Lusíadas - Canto X - 154

Em fins de 1549, entrou no exército e combateu em Ceuta, onde perdeu o olho direito.

Em 1552, Camões é preso em Lisboa por agressão. Sua vida é repleta de confusões, brigas, altos e baixos, devido ao seu envolvimento com várias mulheres da vida noturna lisboeta, das quais não foi apenas freguês, mas, amigo íntimo, familiar e, às vezes, apaixonado. A vida amorosa de Camões interferiu em sua obra. O amor é um tema constante em sua produção,

(...) é o motivo central dos sonetos, das redondilhas, de toda a lírica; e, pois, não deixa de ser natural que hajam tentado reconstruir as anedotas alusivas às suas paixões e ao papel que estas vieram a desempenhar no curso ulterior de seus dias.

Ele confessa, nas redondilhas:

De amor e seus danos
Me fiz lavrador:
Semeava amor
E colhia enganoso.²

Por volta de 1553 vai para Índia. Andou pelas Molucas e China, fixou-se em Macau exercendo o cargo de “provedor-mor dos Bens de Defuntos e Ausentes”. Foi acusado de desvio de dinheiro e regressa a Goa

certamente para desmanchar a patranha, mas uma vez a sorte não lhe sorriu: o barco em que segue, afunda na foz do rio Mecon. A custo, chega a terra. Perde tudo quanto possui, inclusive “uma moça china que trazia mui fermosa com que vinha embarcado e muito obrigado, e em terra fez sonetos à sua morte em que entrou aquele que diz – *Alma minha gentil que te partiste...*”, como informa Diogo de Couto na Década VIII.³

Apesar do triste episódio com a moça, Camões consegue salvar *Os Lusíadas*. Ao chegar a Lisboa, em 1569, empenhou-se na sua publicação.

² MARTINS, C., *Camões: Temas e motivos da obra Lírica*, 1994. p. 19.

³ CAMÕES, Luís de. *Lírica*. p. 15. *apud* BELL, Aubrey F.G., *Luís de Camões*, Porto, Ed. Educação Nacional, 1936, p. 107

Enquanto *Os Lusíadas* não eram impressos, conta Diogo do Couto, que Camões era tão pobre que comia à custa dos amigos. *Os Lusíadas* foram impressos em 1572, depois de sua publicação “D. Sebastião concede a Camões uma tença de 15000 réis anuais, pelo prazo de três anos”.

Não obstante de ter essa pensão, o certo é que isso não o “impediu de conhecer ainda anos de miséria”.

Conforme Massaud Moisés Camões publicou em vida apenas três ou quatro composições líricas: uma ode, dois sonetos e a elegia “*Depois que Magalhães teve tecida...*” incertos na *História da Província Santa Cruz* (1576), de Pêro de Magalhães de Gândavo.

Camões declina aos poucos: desgastado pelos sofrimentos físicos e morais, nomeadamente na longa peregrinação asiático-africana, entra, arruinado e melancólico, no crepúsculo. Em 1579, a peste volta a devastar Lisboa. O poeta cai de cama, roído pela doença e desalento: D. Sebastião, (...) em 1578, conhece fragosa derrota em Alcácer-Quibir. O Parnaso, onde o Poeta estaria colecionando sua poesia lírica desde a estada em Moçambique, perde-se então, ou é-lhe definitivamente roubado e extraviado.

É o fim, que não tarda. A 10 de junho de 1580, apaga-se-lhe a luz para sempre. Que mais resta fazer? “*Enfim, acabarei a vida, e verão todos que fui tão afeiçoado à minha pátria que, não só me contentei de morrer nela, mas com ela!*”⁴

Considerado o maior poeta de língua portuguesa, em sua obra, seja a lírica seja a épica ou o teatro, conjugam-se estudo, engenho e experiência, o que a torna uma das grandes produções poéticas da literatura universal.

Seu ideal de vida parece ter sido juntar num só homem o guerreiro e o letrado, como ele mesmo diz ao rei n*Os Lusíadas*:

para servir-vos,
braço às armas feito
pêra cantar-vos,
mente às musas dada.

Os Lusíadas X, 155

⁴ CAMÕES, Luís de. *Lírica*, 1996, p. 17 apud Trecho de uma carta que Camões teria escrito a D. Francisco de Almeida, Capitão General de Lamego. Cf. Visconde de Juromenha, *Obras de Luís de Camões*, 6 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1860-1869, vol. I, p. 166.

3.1 Camões e sua lírica

A produção lírica de Camões se divide (do ponto de vista da forma e da estética) em duas facetas; conforme as tendências predominantes ou em choque no século XVI: a estética medieval, tradicional, ou seja, a ‘medida velha’ (redondilha menor e maior (5 e 7 versos) e o verso de arte maior (usado apenas em uma composição) e, de outro lado, a maneira clássica, renascentista, a ‘medida nova’, trazida em 1525 por Sá de Miranda da Itália, vazada nos sonetos, odes, elegias, canções, oitavas e sextina.

Camões não publica nenhum livro de toda a sua produção lírica. Seus poemas líricos andavam manuscritos em cancioneiros particulares, espalhados entre várias pessoas que os copiavam.

Apenas quinze anos após sua morte (1595) surge a primeira edição de seus poemas feita com grande zelo por Fernão Rodrigues Lopo Soropita. Apesar de todo o esmero no exame dos manuscritos, o livro *Rhythmas de Luís de Camões* ainda foi editado com alguns apócrifos.

Na segunda edição feita em 1598, ainda foram incorporados novos poemas considerados de Camões, e a cada nova edição crescia o número de poemas atribuídos a ele.

Muitas edições foram publicadas até que Carolina Michaelis de Vasconcelos e Guilherme Storck fizeram uma triagem de todo esse material, dando destino àquilo que não era de Camões, mas sim, comprovadamente de outros poetas.

Desse trabalho valeram-se José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira para fazer a edição de 1932, na qual foram eliminados 248 poemas alheios atribuídos a Camões.

Nas composições segundo a medida velha, redondilhas e glosas, os temas são os mesmos que encontramos no *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*.

A maior parte da lírica camoniana de medida velha é constituída de ‘voltas ou glosas’ a motes que lhe eram dados ou criados por ele.

O mote (‘tema’) era oferecido ao poeta para ele glosar (‘responder’). O mote constituía uma espécie de desafio para medir a habilidade, a capacidade, de o poeta fazer versos a qualquer momento e em qualquer circunstância.

Camões era tão talentoso, que conseguia glosar até ofensas que lhe eram feitas, como é o caso da dama que lhe chamou de cara sem olhos. Esse mote é um galanteio irônico à zombaria dessa dama.

Sem olhos vi o mal claro
que dos olhos se seguiu,
pois cara-sem-olhos viu
olhos que lhe custam caro.
De olhos não faço menção,
pois quereis que olhos não sejam;
vendo-vos, olhos sobejam,
não vos vendo, olhos não são.⁵

Há glosas a motes famosos como as que ele fez ao mote dado por D. Francisca de Aragão: *Mas porém a que cuidados?*

1ª.

Tanto maiores tormentos
Foram sempre os que sofri,
Daquilo que cabe em mi,
Que não sei que pensamentos
São os para que nasci.
Quando vejo este meu peito
A perigos arriscados
Inclinado, bem suspeito
Que a cuidados sou sujeito;
Mas porém a que cuidados ?

2ª.

¿Que vindes em mim buscar,
Cuidados, que sou cativo?
Eu não tenho que vos dar.
Se vindes a me matar,
Já há muito que não vivo.
Se vindes porque me dais
Tormentos desesperados,
Eu, que sempre sofri mais,
Não digo que não venhais;
Mas porém a quê, cuidados?

3ª.

Se as penas que Amor me deu
Vêm por tão suaves meios,
Não há que temer receios,

⁵CAMPOS, Geir (introd.) e MASSAUD Moisés (seleção e notas). *Lírica - Redondilhas e Soneto*. 1997, p. 50.

Que vale um cuidado meu
 Por mil descansos alheios.
 Ter nuns olhos tão fermosos
 Os sentidos enlevados,
 Bem sei que em baixos estados
 São cuidados perigosos.
 Mas porém, ah! que cuidados!⁶

Carta que Luís de Camões mandou a Dona Francisca de Aragão, com as glosas acima:

Senhora

Deixei-me enterrar no esquecimento de V. M., crendo me seria assim mais seguro; mas agora que é servida de me tornar a ressuscitar, por me mostrar seus poderes, lembro-lhe que uma vida trabalhosa é menos de agradecer que uma morte descansada. Mas se esta vida, que agora de novo me dá, for para ma tornar a tomar, servindo-se dela, não me fica mais que desejar que poder acertar com este mote de V. M., ao qual dei três entendimentos, segundo as palavras dele puderam sofrer. Se forem bons, é mote de V. M.; se maus, são as glosas minhas.⁷

Na glosa referente ao mote *Mas porém a que cuidados?* o poeta demonstra sua habilidade e engenho com as palavras. As três glosas feitas a partir desse mote vão mudando de sentido conforme sua pontuação.

Foi na medida velha que Camões produziu um dos seus famosos poemas, considerado por alguns autores a pedra angular de sua lírica, que é baseado no Salmo 136. De acordo com Berardinelli⁸, essa é a única composição em verso de arte maior, e, totalmente especial, é uma glosa cujo mote é o *Salmo 136 do Antigo Testamento*, que começa em latim “Super flumina Babylonis”. O poeta glosa largamente e de todo o seu coração em 365 versos, dispostos em 36 décimas e mais uma quintilha, que, assim, passa a servir de mote às glosas de cada um dos nove versículos do salmo onde

os judeus, desterrados em Babilônia, choram o tempo da vida feliz em Sião, ou Jerusalém, terra deles.

Camões, como desterrado, canta o bem passado e lamenta o mal presente. António José Saraiva escreve que Sião, o tempo feliz, está na memória. O bem não tem firmeza, é uma passagem para o mal; o poeta vê só o mal que sucede ao bem, o pior que sucede ao mal, e vê que só se entende um bem perdido. Lembra-se de Sião, o tempo feliz; mas, refletindo, não vê contentamento nenhum. À medida que recua no

⁶CAMPOS, 1997, p. 33.

⁷Ibid., p. 60-61.

⁸BERARDINELLI, Cleonice; “Sobre os Rios: a Mudança da Mudança”. IN: *Estudos Camonianos*. 2000. p.203-217.

passado, só vê o bem como lembrança; e, remontando a essa lembrança, descobre que é a lembrança de uma esperança. De fato, o bem é sempre passado ou futuro relativamente a qualquer tempo a que alguém se reporte; é sempre saudade ou expectativa... Renegar Sião é renegar-se a si próprio; é pior que morrer, porque é presenciar a própria morte. Sião é o seu único bem, é a sua dignidade, é a sua vida; perder Sião é aceitar a degradação, uma existência inferior.⁹

Chorar no tempo presente o tempo feliz que passou é uma constante na literatura. O passado é sempre sentido como um tempo melhor que o presente. E nada mais doloroso que lembrar-se de quanto fomos felizes no passado. E esse chorar na miséria o que se perdeu de bom no passado parece ser o centro nuclear tanto do salmo como do poema.

(...) Onde está, pois, essa terra de glória, impressa em seu espírito, que, quando procurada, se desfaz? De onde vem esta saudade e esta fidelidade a um contentamento que não existiu?... E a esta pergunta responde o poeta invocando a teoria platônica da reminiscência: isto quer dizer que a terra de glória, o bem passado, a doce Sião, não está afinal na memória, onde o poeta a procura em vão. Não está na *memória*, mas existe como *reminiscência*, isto é, como forma impressa na alma no *mundo inteligível* antes da sua descida à terra. E a saudade, portanto, não é a saudade de uma coisa terrena, de um contentamento deste mundo, que a sua análise da lembrança e do tempo perdido lhe revelou ilusório, mas sim a saudade do Céu, ou melhor, do mundo inteligível onde a alma esteve antes de se unir com o corpo.¹⁰

Camões retrata muito bem essa passagem de um mundo para o outro quando o “eu lírico” troca a flauta pela lira. A flauta é um instrumento dionisíaco, ligado à luxúria, à lubricidade. Os faunos, de pés de bode, tocavam flauta para atrair as ninfas. A lira é um instrumento de corda, apolíneo, ligado à razão e à medida.

Passar da flauta para a lira significa uma conversão: o abandono dos prazeres que representam a servidão para cantar a liberdade em Sião.

São diversos os assuntos das glosas e, dentre as várias, podemos citar também algumas, onde o poeta canta a beleza da mulher como coisa mais concreta:

Mote Alheio

Vós, Senhora, tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

⁹ CAMPOS, 1997. p. 14.

¹⁰ MARTINS, 1944, p. 19.

Voltas

Dotou em vós Natureza
 O sumo da perfeição;
 Que o que em vós é senão
 É em outras gentileza;
 O verde não se despreza,
 Que, agora que vós o tendes,
 São belos os olhos verdes.

Ouro e azul é a melhor
 Cor por que a gente se perde;
 Mas a graça desse verde
 Tira a graça a toda cor.
 Fica agora sendo a flor
 A cor que nos olhos tendes,
 Porque são vossos e verdes.¹¹

Outras, onde ele retoma o filão da poesia trovadoresca, naquilo que ela tinha de mais peculiar e genuíno, ou seja, a cantiga de amigo, com um eu lírico feminino; vejamos:

Mote

Coifa de beirame
 Namorou Joane.

Voltas

¿Por cousa tão pouca
 Andas namorado?
 ¿Amas a toucado
 E não quem o touca?
 Ando cega e louca
 Por ti, meu Joane;
 Tu, pelo beirame.

Amas o vestido?
 És falso amator.
 ¿Tu não vês que Amor
 Se pinta despido?
 Cego e perdido
 Andas por beirame;
 E eu por ti, Joane.

Se alguém te vir,
 Que dirá de ti?
 _Que deixas a mi
 Por causa tão vil.

¹¹ CAMPOS, 1997, p. 22.

Terá bem que rir,
 Pois amas beirame,
 E a mim não, Joane!

Quem ama, assi
 Há de ser amada.
 Ando maltratada
 De amores por ti.
 Ama-me a mi,
 E deixa o beirame,
 Que é razão, Joane!

A todos encanta
 Tua parvoíce;
 De tua doudice
 Gonçalo se espanta
 E, zombando, canta:
 _Coifa de beirame
 Namorou Joane!_

Eu não sei que viste
 Neste meu toucado,
 Que tão namorado
 Dele te sentiste.
 Não te veja triste;
 Ama-me, Joane,
 E deixa o beirame!

(Joane gemia,
 Maria chorava,
 E assim lamentava
 O mal que sentia,
 Os olhos feria,
 E não o beirame
 Que matou Joane):

Não sei de que vem
 Amares vestido;
 Que o mesmo Cupido
 Vestido não tem.
 ¿Sabes de que vem
 Amares beirame?
 Vem de ser Joane.¹²

Através dessas produções, podemos ter uma idéia do tipo de conversação, de galanteio que se desenvolvia entre as pessoas dos dois sexos num grupo social culto e policiado.

¹² CAMPOS, 1997, p. 37-38.

Camões renovou a velha arte de trovar e de glosar pela espontaneidade e simplicidade procuradas como efeitos de arte pela graça, pela ironia, pela malícia do dizer.

3.2 A medida nova

A poesia de medida nova de Camões foi influenciada pela poesia clássica Renascentista, e é constituída de: 163 Sonetos; 9 canções; 13 odes; 4 oitavas; 8 églogas; e 1 sextina.

Os Sonetos são composições poéticas de 14 versos decassílabos, distribuídas em dois quartetos e dois tercetos; que foram introduzidos em Portugal por Sá de Miranda. As canções constituem um extraordinário exemplo da mais complexa poesia de Camões. As elegias expressam tristeza. As odes são geralmente compostas com temas alegres e por quatro versos. As oitavas são poemas com estrofes de oito versos. As églogas são poesias em forma de diálogo, com tema pastoril (seguem o modelo de Virgílio). A sextina é composta de seis sextetos e um terceto final. Os versos são decassílabos e tem um estilo de rimas muito interessante, têm as palavras (ou as rimas) finais repetidas em todas as estrofes, num esquema pré-determinado.

A obra lírica de Camões só foi organizada, por outros autores, e publicada após 15 anos de sua morte o que ainda causa dúvidas quanto à sua autenticidade.

A sua poesia é riquíssima não só quanto às formas utilizadas, como também às temáticas abordadas, que são vastas e variadas.

Podemos citar alguns temas principais: o platonismo; o desconcerto do mundo; a saudade; o destino; a mudança; a beleza suprema; a mulher; a dialética das antíteses; o caráter confessional de seus versos; o maneirismo, etc.

Mas, o tema central de sua poesia é

o amor, e amor infeliz. Por quê? Porque ama e não é amado, ou porque a amada está ausente – mesmo quando próxima, pois o ignora ou desdenha. No seu amor há desconcerto. Como em tudo. E a consciência do desconcerto do mundo – outro tema de sua lírica – lhe dói:

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos,
E, para mais m'espantar,
Os maos vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.

Cuidando alcançar assim
O bem, tão mal ordenado,
Fui mao, mas fui castigado:

Assi que só para mim
Anda o mundo concertado.¹³
(Ri, fo. 183)

Cantando o amor sublime ou a relação mais fútil, o poeta soube, como poucos, definir-se e definir a alma humana, oferecendo-nos a sua experiência de vida ou o mundo no seu desconcerto, com os seus problemas sociais e morais.

O amor que inspirava os poetas renascentistas era o amor platônico, idealizante. Na concepção da musa inspiradora o que importa não é o corpo da amada, e, sim, seus predicados, suas qualidades morais, sua bondade e beleza.

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minh'alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sòmente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semidea
Que, como um acidente em seu sujeito,
Assi coa alma minha se conforma,

Está no pensamento como idea;
O vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples, busca a forma.¹⁴

Em Camões, essa visão espiritualizada da mulher combina-se com fortes sugestões eróticas, com intenso desejo às formas femininas, ainda que isso seja dito muito discretamente.

Podemos perceber o caráter confessional de seus versos em:

Enquanto quis Fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de um suave pensamento
Me fez que seus efeitos escrevesse;

Porém, temendo Amor que aviso desse
Minha escritura a algum júizo isento,
Escureceu-me o engenho co tormento,
Para que seus enganos não dissesse.

¹³ BERARDINELLI, 2000, p. 164 - 165.

¹⁴ CAMÕES, 1996, p. 109.

Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades! Quando lerdos
Num breve livro casos tão diversos,

Verdades puras são e não defeitos;
E sabeis que, segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.¹⁵

Acredita-se que Camões tenha escrito sete sonetos em homenagem à linda e formosa dama amada oriental que naufragou no rio Mecon.

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.¹⁶

Esses sonetos refletem a angústia, a saudade, o sofrimento e o desencanto do homem que vê desvanecerem-se as perspectivas que precisamente mais afagara em seu coração.

A antítese é a figura principal nos sonetos camonianos. A antítese em Camões, serve para exprimir as contradições e perplexidades inerentes à própria vida humana. E é através da dialética das antíteses que Camões nos aponta para o maneirismo. Enquanto que no Renascimento foram cultivadas as qualidades da obra de arte clássica, entre elas a clareza, a perfeição, o equilíbrio, no maneirismo, essas qualidades são lentamente substituídas pela obscuridade, pelo desequilíbrio e pela imperfeição. O artista maneirista começa a representar a natureza humana de acordo com essa crise; são expressas as tensões e as contraposições inconciliáveis.¹⁷

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;

¹⁵ CAMÕES, 1996, p. 107.

¹⁶ Ibid., p. 116 .

¹⁷ MENEGAZ, 1998, p.146.

É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

¿Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?¹⁸

Nos poemas de medida velha, Camões está mais próximo da poesia popular medieval (das cantigas de amigo), já nos de média nova aproxima-se de grandes vultos clássicos.

¹⁸ CAMÕES, 1996, p.123.